

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

TORRES DE LUAR

Como as creanças são emanações de luz da Luz diamantina das es'rellas, e os seus cabellitos loiros, destrançados e finos, se parecem muito, a quem as olha, com a suavidade d'um olhar de compaixão e de caricia, com aquelles aerolithos que, em noites luarentas de agosto, se deitam a correr—fugindo—pela abobada azul do grande azul do ceu; os albergues que as recolhem, os azylos que as aconchegam, são as torres de luar do grandioso edificio christão, da grandiosa e luminosissima creação catholica—*a Caridade*.

Vai serena e doce a madrugada. Caminham estrada fóra, pacatamente, ouvindo a toada agudá dos cixos chiando, e os bois luzidios, olhos redondos e fochinho de escama fina, de dois carreteiros. Os homens, distrahlidos, fazendo tremeluzir da ponta dos cigarros um lume dubiamante chispante.

Pára o carro dianteiro. Os bois não andam.

A aguilhada enterra-lhe o ferrão de aço na carne; e elles não se movem. Corre adiante o lavrador, e vê, com admiração, e um pouco de terror, duas creanças regelladas, estendidas na beira da estrada, exactamente ao pé da valleta, por onde os bois iam arrastando o carro, ouvindo a toada aguda do cixo—chiando, chiando.

Erguem-n'as da estrada. Tão pequeninas, tão rotinhas... de quem serão?

Deitaram-nas para cima do carro, e embrulharam-n'as n'uma manta, uma pobre manta de farrapos.

Estas creanças desamparadas, sem abrigo, sem a caricia doce d'uma mão, sem o lume sagrado d'uma lareira, orphãs, funelicas, na estrada da vida, tortuosa e cheia de precipícios; que tem n'uma curva a Desgraça e na outra a Miséria; que se ladeia das valêtas do Vicio do Crime; a estrada social que desconheço a sacratissima compaixão pela infancia; estas creanças, que olhavam para o alto, para o grande azul do ceu, e o achavam triste, coberto de crepes como um catafalco, encontraram, alfin, a suavidade doce da compaixão de uns pobres lavradores ignorados, homens sem distincções sociaes, onde o trabalho é tudo e o Coração quasi só domina!

..... Exactamente o que faz, exactamente o que acontece n'esta villa com a sympathica e benificente torre de luar do Azylo d'Infancia Desvalida dos S.S. Corações de Jesus e Maria.

Não teve as ovações estrepitosas d'uma festa a sua inauguração. Não se engalanaram as ruas, nem a dynamite estrondeou nos ares, annunciando a obra bendita da sua instituição. Não. Humildemente, sem ouropeis de galas, sem o concurso official, devido simplesmente e unicamente á caridade particular e obscura, ergueuse, vai já em quatro annos, esta luminosa torre de luar e de caricia para a infancia pobre e desvalida. E tem prestado e presta beneficios importantes. Sustenta e veste e educa gratuitamente nove creanças desamparadas. Tem um internato e um externato, sendo indiscutivelmente hoje o primeiro collegio para meninas em Barcellos. Alli se andam educando as creanças das primeiras familias d'esta terra. E' um Azylo para pobres desvalidas, e um Collegio modelo para as familias abastadas. A sua direcção está entregue á congregação das benemeritas irmãs de Caridade; e pode dizer-se, sem lisonja, que magnificamente está confiada a uma senhora illustre pelo saber, pelas virtudes e pela distincção de pórtio.

¿Quem não ha de olhar, portanto, cariciosamente, n'um olhar de gratidão e benção, para estas instituições sympathicas, christãs, nobilissimas?

¿Quem não ha de atirar, n'um grande o mavioso ósculo de carinho, o coração inteiro, todo o coração, a esse ninho de pombas, a esse sacario das grandiosas virtudes de Jesus?

Instituições assim engrandecem e nobilitam os seus fundadores, porque são a primeira base, a pedra angular do edificio social do amanhã.

Em nome da «Lagrima», eu vos bendigo, humildes, caridosos e modestos fundadores, benemeritas e sympathicas irmãs directoras.

As benções do ceu caiam sobre vós, como rocio de aurora na urna doce dos nenuphars.

Z. SARANAGO

AGUARELLAS EM PROSA

Tardo chovisquenta. O ceu é da côr d'uma maça e amezza. O horisonte, ao largo, tem umas manchas pardas, assim como um emplasto de tapsia no peito d'um pthisico. Ninguem passcia na villa. A estrada está deserta como uma egreja em dia de semana. Silencio completo. Ouve-se simplesmente o chapinho miudo e triturante da chuva batendo nas calçadas.

A LAGRIMA

São as Trindades. Candieiros apagados e ruas escuras. Nas casas, através das vidraças poentas e baças, reluzem, tremeluzindo, candieiros de petróleo. Uma paz de pantano, uma modorra de presidio celular.

Mas um grito agudo se ouve, como o silvo rouco d'uma machina de comboio de mercadorias. Voz de mulher.

Quem será?

N'um soccorro de bombeiro activo, o tio Ignacio corre para a rua Direita.

Mas o grito afflictivo, como o som d'un sino distante, ouve-se mais longe.

O tio Ignacio vòo como uma flecha. Chega ao local, e vê uma mulher prostrada, ferida, a escorrer sangue.

—Acudam! Mulher morta...

O candieiro da esquina, que ja estava acceso, projectava para o local uma luz dubia, unortocida como a luz d'uma cocheira, á meia noite, quando tudo dorme, os curadores e os cavallo. Tinha accorrido mais gente, aos gritos de soccorro de todos os lados.

—Mas, quem é? Vai para o hospital; ainda está quente...

—É bem quente, diz a mulher, porque já cá tenho meio quartilho de agua ardente!

S. E.

A Revolução do Brazil n'um dialogo:

—Aquilo está serio, compadre.

—Serio e muito serio. Inda honte arrecevi uma carta do meu filho, que diz cousas de estarrecer.

—?

—Diz que atiraram uma peça ou ganarda, assim uma coisa que diz que era do tamapho d'un menino de 9 annos, e que arrebentou no palacio, que matou mais de duzentas pessoas!

—Mas quem atirou?

—Eu acho que foi o presidente dos navios...

—Seria o Peixoto.

—Não. Foi o Mello.

—Ah! Aquella gente o que devia de fazer era partir o penacho em duas ametades.

—E já contentava os dons... patriotas.

Atribulações d'un photographo amador:

Ha pouco, um photographo amador, veio a esta villa em digressão artistica. Lembrou-se de tirar uma photographia da nossa importante feira semanal. O melhor lugar para apanhar a feira em pleno socego, firme, sem deixar no cliché tremura alguma, era a torre da igreja dos Terceiros, á hora do meio dia.

Assim fez.

Assestou o olho redondo da machina para a feira do gado. Bate, no Senhor da Cruz, o meio dia.

Toda a gente se descobre. Apenas um ssii... se principia a ouvir. O nosso photographo estava na torre dos Terceiros, exactamente sob a concavidade do sino grande. O sacristão, que não sabia de nada, foi cumprir a sua obrigação. Puchou pela corda ao badalo do sino grande, para bater o meio dia.

Mas o badalo bate em cheio na cabeça do photographo amador. Elle atrapalha-se, vae quasi de focinhos... Mas a arte, o amor da arte... Não fez caso. Tirou o cliché da feira das mulheres. Mas a atrapalhão desorientou-o de certo modo. Em lugar de metter um cliché novo, mettu o cliché que tinha tirado.

Efeito.

Ficou um cliché magnifico e originalissimo.

A feira das mulheres intereallou-se na feira do gado... E era de ver o pagode!

Mulheres com caudas, homens armados de pontas... Um inferno artistico.

E de nada valeu a paciencia do nosso photographo. De nada valeram as suas attribulações, nem a pancada do badalo do sino grande.

Tudo perdido.

O sr. Estanislau Manuel é uma grande alma e um bom coração.

Para servir um amigo é capaz de se votar aos maiores sacrificios; é capaz de ficar sem camisa.

Lê todos os dias o «Janeiro». Anla a par de todas as evoluções sociais. É um partidario azerriano de Custodio de Mello.

Uma d'estas ultimas quinta-feiras esteve elle á janella de sua casa, assim como um czar no seu palacio d'inverno, muito enroupado, vendo o espectáculo curioso que n'esses dias se observa na rua Direita. Porque, como esta rua está cheia de profundissimas vallas, os carros que a trilham fazem a figura d'un barco n'un mar muito onlulado que, de terra, ora se vê, ora se esconde.

Por volta das 11 horas, um dos officiaes do sr. Bento Moreira persegue um cão, que segue rua abaixo, veloz como um raio. Cego na carreira, o bicho vae de encontro a uma mulher, enrodilha-se-lhe nas pernas fazendo-o cahir, do que resultou ferir-se na cabeça.

O sr. Estanislau que presenciara esta scena pega num frasco de aguardente e ali vae, de cabello solto aos quatro ventos, n'un fim tolo humanitario e caritativo prestar os primeiros soccorros á victima.

Retiram-se socegado.

Á noite sahim-se com esta:

Não sabe, visinho, evitei que hoje se bombardeasse a villa!

—Ora essa!

—É verdade. Estava á janella de casa e vi cahir uma mulher na rua Direita por causa d'un

A LÁGRIMA

ção que lhe tropeçou nas pernas. Observei que estava ferida. Peguei n'um frasco d'aguardente e fui cural-a.

Ora imagine o visinho que algum adoa-linho se lembrasse de dizer que a aguardente era nociva á ferida e que d'isto se arranjasse um grande barulho que tomasse grande incremento. Necessariamente vinha tropa apaziguar, por a auctoridade ser impotente, que depois de empregar todos os meios suasorios se vê obrigada a fazer fogo. Morria muita gente. O povo revolta-se contra os militares. Estes enfurecem-se. Pede o administrador ao governador civil tropa para suffocar tudo. Vinha artilheria, por certo.

Os soldados que fizeram fogo,—julgando ter cumprido o seu dever,não se querem dar á prisão. A artilheria, zás... bombardeia Barcellos!..

—E ninguem me dá nada! E ninguem tem dó da minha desgraça! *suas incellencias* deixam-me morrer á fome! E nem um chapéu para esta cabeça, que anda á chuva...

Assim se lamentava doloridamente, n'uma toada plangente e rouca, pelos ruas da villa, ha dias, um cego pedinte.

Passa á porta do sr. Bento Moreira. Como é chapelheiro, e tem um coração *molle*, conduco-se de que o pobre andasse com o tóutiço á chuva, e deu-lhe um chapéu.

O pedinte metteu o chapéu debaixo do braço, e continua a lenga-lenga:

—E ninguem me dá nada! E nem um chapéu-sinho para esta cabeça toda molhada...

A' noite, por este caminhar, e se encontra muitos Bentos Moreiras, o homem podia fazer uma feira... de chapéus!

O Quintas tem um caixeiro, rapaz de 19 annos, muito amigo de dinheiro.

Ha dias disseram-lhe que, n'estas noites d'inverno, se caçavam «piovardos» n'um sacco, e que cada um se vendia por 100\$000 reis!

O caixeiro, com o nariz já no dinheiro (uma fortuna para um caixeiro na sua idade) promptificou-se a ir á caça do famoso passarão.

Os adoadinhos que o tinham influido pozeram-no de sacco aberto, á sahida d'un boeiro.

—Piovardo ó sacco.

—Faltam tres para quatro.

Prompto. E descarregaram-lhe duas mœcadas. Foi o caixeiro embora, sabendo agora, que se não apanham piovardos á bôa.

Ha cada piovardo n'este mundo!

Um dia d'estes foi á caça das lebres, ali para os lados do Penedo do Ladrão, o sr. Z.

A manhã era deliciosa. Tinha chovido de noite,

é, por isso, os cães andavam com os narizes finos.

O sr. Z., arma já em pontaria, mirava para o focinho da Branca, uma caçella fina, com mais habilidade para a caça, do que os dandys para a boa figura que querem fazer.

N'isto, d'entre uma moureira de urzes, sahe n'um pulo, fugindo, n'uma velocidade de comboio expresso, uma lebre.

—Atira, João, qu'ella ali vae.

O João era o comprador, que, tambem de arma prompta, esperava a lebre na passagem d'uma caçella, longe, lá na encosta do monte.

Ouve-se um tiro.

Corre o sr. Z. para o sitio da defonação.

—Cá está a lebre que você levantou.

—Serio?

—Muito serio.

E mostrou-lhe uma gata pellada e cheia de morrinha...

A ANTONIO MELLO

Distante de ti, amigo,
Como é triste o meu viver!
A tua auzencia me enlucta,
Em nada encontro prazer.

Quando recordo que outr'ora
Nas minhas inspirações,
Ao meigo som da guitarra,
Te dedicava canções,

Sinto-me desfallecer,
Não tenho contentamento,
Distante de ti, amigo,
Entrego-me ao sofrimento.

T. S.

NOTAS DA QUINZENA

Muita chuva, chuva até o demo dizer—bom! Láma escorregalia como a tentação d'uma rapariga nova e bonita. As ruas uns charcos, cheias de estercos, as valetas intupidas, uma montureira municipal a fermentar epidemias, para regalo de boticarios e de coveiros,

Animação, á noite, no theatro dos Bombeiros. Ensaios animados para desabafar patriotismo ali para o 1.º de dezembro.

E quasi mais na la.

Ah! Já ia esquecendo o caso. Dominó Encarnado, não conhecem? Typo pequenino, mas a esperança da patria, nas letras e nos traslados á rasa. Por causa das chuvas, esteve quasi afogado á porta do sr. Bento Moreira. Mas o sr. Bento é homem de ideias maravilhosas. Vai ao armazem, pega do seu enorme tamanco, atira-o para o meio da rua,

A LAGRIMA

e, prompto: fica logo um perfeito barco, onde *Dominó* Campos de Lima se assentou. E salvou-se, d'esta forma, do dilúvio.



Mas, diz-me aqui do lado a curiosidade publica:—Quem é, afinal, esse *Dominó* Campos Lima, esperança das letras e das cebôlas?

—É o correspondente da «Verdade», o primeiro jornalista do mundo, o unico litterato a quem Zé das Angustias respeita e cumprimenta.



É superior a *Calino*, e promette desbancar o *Manuel da Graça*. Ainda elle se não lembrou de parodiar a «Morte do Saluchristo», poema da *des-graca* tocado á viola...

Escriptor de tanto merito, que até veio de Thomar, das margens do Nabão, uma deputação de sábios cumprimental-o. Mas, como elle é muito pequenino, tiveram de o pôr em cima d'uma cadeira, —para o poderem ouvir e adorar. Sim, que elle é adoravel de graça e de talento.



Zétil, espantado com a sabença d'elle, até fugiu para a rôça... E para metter as pazes, depois de tanto susto, vai offerecer-lhe um macaquinho empalhado.

Menino extraordinario. Faz lembrar a burra de Balaam. Tão acertado falla!

E quando escreve, isso então faz lembrar logo *Victor Hugo!* Até ha quem diga que a penna com que escreve era a penna de pato com que *Camões* escreveu os «*Luziadas*»...



P. S. Os doutores que vieram cumprimentar *Dominó* Campos de Lima, vendo as maravilhosas chancas que o sr. Bento Moreira tem á venda, compraram cada um o seu par, enfoaram-n'as logo nos pés, e lá se vão, *de longada*, com os pés livres da agua, e com o *Dominó* Campos Lima escondido dentro das chancas—para o expôrem á admiração das gentes, em Thomar, no antigo hotel Campeão, que fica mesmo ao pé da Ponte.

Movimento jornalístico:

Principiou a publicar-se—«*Echo de Paredes*»; «*A Defeza da Beira*», em substituição do «*Correio da Beira*», de *Castello Branco*; «*Revista Mechanica Portugueza*», boletim da Associação de engenheiros machinistas portuguezes; «*A Justiça Portugueza*», semanario republicano radical, dirigida pelo bem conhecido revolucionário *Santos Cardoso*; «*A Folha de Hoje*», semanario operario, no Porto; «*O Gonlomarense*», democratico, em Rio Tinto; «*O Regenerador*», em Monsão; a «*Folha Meridional*», em Montemor-o-Novo; a «*Alvorada*», Oliveira d'Azemeis; o «*Domingo*», em S. Martinho do Porto.

A LAGRIMA

RESPONSAVEL—João Gonçalves da Silva

TYPOGRAPHIA da FOLHA DA MANHÃ

BARCELLOS